

■ HOMENAGEM ■



Os Finados, Filhos do Cosmos

EVARISTO EDUARDO DE MIRANDA

Na vida, existe um tempo para tudo. Nos Finados, comemora-se a lembrança dos entes queridos falecidos. Eles nos precederam na cadeia da vida e, graças a eles, existimos. Não somos filhos do Nada. Nesta vida, é legítimo lutar-se por uma ascensão social, econômica e espiritual. Mas para uma verdadeira ascensão, é fundamental a lembrança dos ascendentes. No Oriente, o antepassado é objeto de um carinho extremo. Entre africanos e índios, a memória dos ancestrais vive na tradição oral, com grandes detalhes genealógicos e históricos. Os Finados são celebrados em todo o mundo.

O feriado dos Finados é um dia consagrado pelas sociedades à memória dos antepassados. A consagração o tornam sagrados, os colocam à parte. Nesse dia não se trabalha. O País se consagra a meditar, a lembrar. Muitas pessoas não ligam para este feriado porque não lhes diz absolutamente nada ou porque não corresponde a sua perspectiva filosófica ou religiosa. Enganam-se. Os finados estão muito além de qualquer religião. Quem profana esta data esquece que teve ascendentes e antepassados.

O feriado dos Finados é um dia consagrado, pela sociedade, à memória dos antepassados

Perde a memória e, sem querer, profana a si mesmo. Nos Finados, é bom visitar os cemitérios, limpar e ajeitar os túmulos, plantar flores, acender velas, orar, participar da missa, fazer um instante de silêncio ou meditação.

No Cristianismo, os mortos sempre foram objeto de lembrança. Os mais antigos sacramentários romanos atestam missas pelos defuntos, realizadas nos funerais ou depois, como um

ato de co-memoração. No século VII, escreviam-se os nomes dos mortos em rolos que circulavam entre mosteiros e comunidades, como aviso de falecimentos. Eles deram origem às necrolo-

gias (lidas nos ofícios religiosos) e aos obtuários. Passou-se claramente das menções globais de falecidos aos nomes individuais, às pessoas. Os chamados *libri memorialis carolingianos* continham de 15 a 40 mil nomes! As necrologias mencionavam de 40 a 50 nomes de falecidos meritórios por dia! Como na missa celebrada diariamente em São Paulo, no Mosteiro de São Bento, em memória Fernão Dias Paes, ilustre doador das terras do convento.

Dado um certo caráter elitista dessas ações, pois em geral diziam respeito a pessoas de gru-

pos dirigentes, a Igreja estendeu à totalidade dos mortos essa atenção litúrgica, de forma solene, uma vez por ano. No século XI, entre 1024 e 1033, a abadia de Cluni (França) instituiu a comemoração dos mortos no 2 de novembro, em contato com a festa de Todos os Santos, na véspera. A festa dos mortos foi rapidamente adotada em todo o mundo cristão e pagão, criando um vínculo suplementar entre os vivos e os mortos.

Ao visitar o cemitério no dia de finados, honramos a memória dos entes queridos que nos antecederam na passagem da morte: amigos e amigas, pai e mãe, avós, esposo e esposa e mesmo filhos e filhas. A visita aos túmulos deve ser feita em clima de respeito e meditação. Quem amou e criou laços de amizade é uma chama que não se apaga. Todos lembram o exemplo, a ajuda e a palavra amiga de um parente ou amigo já falecido. Pouco importam os desentendimentos, o amor foi maior. Esse testemunho fica como luz acesa no coração dos vivos. Esse é um dos significados das velas acendidas nas casas e cemitérios: a luz do irmão não se apagou. A luz da fé reacende a chama dos corações. No mundo, devemos fazer um trabalho de luz e não de trevas.

Nos finados, ao acender velas, todos buscam – para todos – a iluminação interior.

Para muitos, a morte representa limite, barreira e até desgraça. Não para os cristãos. Nós plantamos os mortos como sementes de eternidade e os regamos com lágrimas, na esperança da ressurreição. Os irmãos florescerão no jardim do Senhor. Esse é um dos significados das flores levadas aos túmulos. Cada

Nós plantamos os mortos como sementes de eternidade e os regamos com lágrimas

um recebe de Deus dons especiais. Durante a vida, devemos cultivar esses dons, deixá-los florescer e perfumar os irmãos e irmãs. A Igreja católica é o jardim perfumado

do Senhor. Ela não condena, mas ama e acolhe. Quem buscou Jesus na vida, caminhará com Ele na morte e na eternidade.

Nos Finados, os cristãos não festejam a morte, mas a certeza da ressurreição, um novo nascimento, como Filhos do Cosmos. Para quem crê, a eternidade não é apenas esperança, mas promessa, vontade e desejo de Deus. "A vontade de meu Pai é que todo aquele que vê o Filho e acredita nele tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia" (Jo 6,40).

Evaristo Eduardo de Miranda é ministro de exéquias em Campinas